

MOVER – PRÁTICAS COREOGRÁFICAS DE ESCRITA

No primeiro semestre de 2021, o Sesc Pinheiros convidou seis artistas da dança para coreografarem os textos desta publicação. A ideia inicial propunha que cada um compartilhasse com o público como atuou como profissional da dança no contexto de isolamento social gerado pela pandemia de COVID-19 e, principalmente, quais os pensamentos gerados em suas práticas para levar adiante.

Rota, duração, distância, permanência e reaprendizagem dos sentidos são palavras que podem descrever uma dança. Com elas também observamos que as coreografias sociais foram fortemente impactadas por esse elemento coreográfico específico: o mundo enfrenta há mais de um ano a pandemia de COVID-19. Guardados os devidos impactos em diferentes territórios, nesta publicação encontramos a pressão gerada nos artistas que aqui escrevem.

Se um dia pensamos que seria possível transpor em meses as adversidades trazidas pelo contexto pandêmico, vimos as mudanças entrarem em nossas casas e rotinas como um visitante de estadia longuíssima. Hoje escrevo e é julho de 2021, sentimos o peso e densidade como em uma performance duracional: o tempo transforma os antigos sentidos da existência, nestas condições mais uma vez o coreográfico se revê.

Os profissionais das artes, severamente impactados pela situação, foram arrancados das salas de espetáculos sem data para voltar. Enquanto isso, uma profusão criativa: peças on-line, transmissões de espetáculos gravados, aulas-show, danças em áudios, transformações das redes sociais em veículos de interação, peças postais, existências ainda não nomeadas. Poderiam ser muitos os assuntos dançados nesta publicação! Mas dentre as escolhas plantadas esperamos que as ideias que nela pulsam, de algum modo, e nas palavras de Danilo Patzdorf, "seja possível plantar a semente da revolta no coração do fracasso" e que seja tempo de fertilidade.

O projeto foi sendo construído em direção a esta publicação. Passou pelos estômagos e dados móveis de vários artistas e pela equipe do Sesc Pinheiros. Realizamos três encontros públicos nos meses de Maio e Junho – Deise e Cristian, Danilo e Priscila, Tiago e Nina. E pudemos nos olhar um pouco – ainda que mediados pelos nossos computadores. Respiramos ao mesmo tempo e pulsamos junto com os corações e indagações do público.

Contamos também com a cuidadosa parceria da artista Júlia Rocha, paciente e generosa interlocutora, que encantou junto com Fabio Morais a dramaturgia que aqui nos guia. Aproximaram ainda Tina Merz para a elaboração do projeto gráfico. Teceram em trio camadas de cores e movimentos, para que os prazeres da leitura navegassem também pelas dimensões de tamanho e verticalidade, desejando a tela como uma parceira na leitura; permitiram que as palavras pudessem deitar, correr e anoitecer. Nesse time, Isabel Ramos Monteiro, Joana Ferraz e Regina Melim foram as primeiras leitoras desse conjunto em forma e fogo, contribuindo com suas impressões de leitoras especialistas.

Por aqui, há de se encontrar textos dançados, textos informativos, manuais, registros, formalidades, invenções e revoltas. As existências dos modos de se fazer dança se curvaram como uma coluna, não num gesto de rendição, mas sim num ato de potência da sua maleabilidade, articulando-se para existir, usando dos saberes do movimento para reinventar as posturas diante do mundo. Assim, foi possível experimentar a palavra, na busca de reencontrar fôlego. Desejamos permanecer fortes: há mundo para reconstruir.

**AS IMAGENS
GANHAM
VIDA, VOCÊ
PODE DANÇAR
PELA VIDA**

Dançar a mistura
| Dançar à mistura

**Entre registros,
contra-
apagamentos
e um “Plano
de Abandono”**

(revisão de texto por
Lucimar de Santana)

o título é este
texto inteiro
aglomerado...

PEQUENO MANUAL
DE AUTOCUIDADO
PARA CORPOS
ESGOTADOS

**Vulneráveis
e inúteis, quando
a dissidência dança**

Priscila Maia é artista da dança, da palavra e da educação. Seu trabalho se materializa como texto, vídeo, peça, coreografia, ensaio, aula, festival, roteiro e instrução.

www.vimeo.com/priscilamaia

Marina Guzzo é artista e professora da Unifesp no Campus Baixada Santista. Trabalha em parcerias com equipamentos de saúde, cultura e assistência social pensando a dança como uma rede complexa de pessoas, instituições, objetos e natureza.

<http://cargocollective.com/marinaguzzo>

Deise de Brito é artista no Núcleo Vênus Negra, Ouvindo Passos Cia de Dança e Arquivos de Okan. É educadora na EMIA (SP). Doutora em Artes apaixonada pelas investigações a respeito do quadril e pelas relações entre corpo, ancestralidade, memória e arquivo.

[@deise de brito](https://www.instagram.com/@deise_de_brito)

Cristian Duarte é um artista da dança que está sempre à procura de trabalho.

cristianduarte.net

Danilo Patzdorf é artista, educador e pesquisador do corpo. Atualmente, desenvolve projetos artístico-pedagógico-terapêuticos para denunciar a crise da sensibilidade agenciada pela somatopolítica neoliberal.

[@danilopatzdorf](https://www.instagram.com/@danilopatzdorf)

Tiago Amate é artista-pesquisador ludovicense, investiga relações (im)possíveis entre imagens em movimento e corpos dançantes. Desde 2014 articula o projeto de videodança *Aloka das Américas*.

<https://alokadasamericas.wixsite.com/alok/about>

“Quando aparecer um deserto, o atravesse”¹. Se nos restam experiências entre silêncios e desastres, algumas em forma de desertos, outras de atentados, guerras ou sindemias, recuperemos as reflexões de Ailton Krenak, fazendo-lhe coro à ideia de que a vida não tem utilidade alguma. O corpo que dança é inútil na mesma medida em que seus gestos estão fadados à desapareição; ao sumiço. Quais os motivos, então, para seguirmos insistindo na negação do deserto característico da inexorabilidade de nossas existências, fadadas ao fracasso ou à contingência, numa tentativa de lhes tatear funções, atribuições ou usos? Não há deserto sem vulnerabilidade. Atravessá-lo é justamente assumir o risco de desistência e, no entanto, permanecer sob a condição do imprevisível. Ninguém atravessa desertos sabendo o que lhe aguarda na rota, mas, no hábito de adotar estados de atenção em travessia, atalhos e rotas de fuga surgem como resposta à iminência de perigo. Aos que se deparam com a imensidão de um deserto desconhecido, o desespero constitui o próprio estado de vislumbrar-se desamparado naquele imenso ali.

1 Última frase do livro de Ailton Krenak, *A vida não é útil*, publicado em 2021 pela Companhia das Letras, onde reúne uma série de textos como combinações de suas últimas conferências públicas.

A noção de vulnerabilidade será conjugada à metáfora do deserto ao pensarmos a noção de resistência, “tendo em vista a busca por modos singulares de lidar com situações de risco”². Quando falamos de dança, as provocações da pesquisadora Cristine Greiner, em ensaio onde aborda o tema, manifestam-se na esteira de pensar uma espécie de resistência vulnerável. A

De repente a presença é um privilégio de alto custo para todes. Improvavelmente, a experiência danosa do isolamento social, já vivida por grupos que deslocam das arapucas cis-normativas, parece atingir redutos existenciais que sempre se pretenderam superiores. Parece.

Gesio Amadeu (1947 – 2020)

Dançar em casa, por toda a casa, para a casa (quem pode?). Isso é a janela aberta, em um panorama no qual falta ar, que quebra planos ao meio, que avança crises de ansiedade, que alicerça o pânico. Artista com fome de criação ou condição (pergunta antiga)? Nostalgia da rotina das salas de ensaio ou dos treinos de *locking*, em espaços de saberes conviviais? Sede de *jam* do contato improvisação ou das rodas de jongo? Vontade das celebrações do movimento *Batekoo* ou de uma festa nas aulas de balé clássico na barra?

A plataforma de vídeo online *Youtube* e redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, destacam-se como principais palcos para criadores, cujas travessias enfrentam as demandas exigidas pela criação da dança para terras videográficas. Salvo aqueles que já exerciam o labor nesse campo, antes da complexa (senão cruel) coreografia que a Covid-19 nos impeliu a executar.

A veiculação de trabalhos *online*, de forma independente, contratados por instituições, ou apoiados por editais e leis emergenciais – a exemplo do Festival “Arte Como Respiro: Múltiplos Editais de Emergência do Itaú Cultural” e Lei Aldir Blanc – causa notável impressão de que as artes, particularmente as da cena, podem finalmente chegar a qualquer pessoa e cruzar fronteiras em nível planetário. Até se perceber que desigualdades socioeconômicas fazem a banda larga não ser tão comum, em realidades domésticas, e que a captação de imagens, exclusivamente realizada pelos aparelhos celulares, não é algo tão simples de se administrar no território das grafias dançadas em vídeo.

Edson Montenegro (1957 – 2021)

No entanto, o pluriverso digital, mesmo antes do contexto pandêmico, já nos oferecia alguns traçados assertivos. Por exemplo, em abril deste ano sublinhei, em um ciclo formativo, meu encontro com artistas negres de diferentes épocas, de quem sequer teria tido conhecimento, pelas retóricas da oficialidade. Acredito que isso, felizmente, se repete antes e na minha geração, devido a muitos fatores, dentre eles cito dois. A astúcia investigativa e sápiate de pesquisadores, cuja insistência afetivo-política vem construindo continuamente um movimento de contra-apagamento, há décadas. Somada à paulatina, e crescente, quantidade de coleções ou acervos digitalizados.

O projeto de digitalização é operado por equipes especializadas de museus, bibliotecas e fundações, sendo necessária a articulação do empenho da gestão com a boa vontade de faces da política de Estado e/ou com disponibilidades-intenções de iniciativas privadas.

No Brasil, o pesquisador Muniz Sodré, entre 2009 e 2011 – período em que foi presidente da Fundação da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) – contribuiu entusiasticamente para que uma parte do acervo da instituição fosse digitalizada e disponibilizada gratuitamente no site da entidade. A atuação da gestão de Sodré agregava à oficialização da Biblioteca Nacional Digital (BNdigital) em 2006 e ao aporte financeiro do Ministério da Cultura que, através da ação orçamentária, principalmente a partir de 2008, teria como finalidade ampliar o acesso da população à documentação que compunha o Acervo Memória Nacional.

É importante observar que o processo de digitalização acontece, no nosso país, num ritmo não desejado e atravessado por abalos, carências e outras tribulações. É prudente grifar que o exemplo da Biblioteca Nacional não pode ser aplicado a outras experiências públicas arquivísticas e tampouco foi/está isento de adversidades. Contudo tal empreitada, ainda que limitada, assim como de outras instituições, possibilita a aproximação com significativos fatos afro-referenciados ou negras presenças de outras temporalidades. Conexão movida pelo deslocamento virtual e atualizada por vínculos digitais.

Hoje, com algumas ferramentas e uma busca dedicada e paciente por navegadores, é possível ter acesso a dissertações, teses e monografias de diversas áreas, incluindo as artes da cena negra, cujas abordagens perpassam por variados caminhos.

Com a nomeação correta e o *clac*, é possível localizar na coleção online do *Missouri Historical Society – Library & Research Center* (Estados Unidos) fotografias de trabalhos da antropóloga, dançarina e ativista estadunidense Katherine Dunham (1909 – 2006), que influenciou significativamente os versos das investigações de Mercedes Batista (1921 – 2014), presença que vem sendo crescentemente reivindicada na história da dança (negra) no Brasil. Acolá e aqui nos encontramos.

Nesse percurso, é interessante declarar que esses são alguns dos inúmeros exemplos nos quais se verifica que o documento digitalizado é somado ao documento físico, que precisa ser mantido e protegido, além de ser fator adicional ao eixo que move todo o arquivamento das corpas negras: a oralidade.

Willian Silva de Moraes (1989-2021)

Atualmente as mídias sociais são um campo mais que visitado para apreciar fragmentos, “curiar” experimentações e espiar laboratórios realizados em casa. As nuances dessa visita encruzam-se com imagens cotidianas e notícias com ampla repercussão, sejam elas propositais-estruturais ou não. Haja vista as rejeições/cancelamentos racializados de participantes negres em *reality show* de TV aberta... E, no correr desse rio, documentos vão sendo inseguramente forjados no campo frágil, imediatista e quase fictício das redes.

Por outra via, múltiplos são os registros produzidos: podem-se gravar ensaios em programas de vídeo/web conferência, “printar” telas e arquivar tudo no computador, notebook, HD Externo, *drive* ou Nuvem. E, ainda, assegurar o hábito dos cadernos coreográficos manuscritos. O painel parece favorável e preenchido de opções.

Mesmo assim, ressoa uma inquietação: como oferecer mais possibilidades de salvaguarda desses materiais, para além das nossas pastas pessoais e das Nuvens, que consideramos ser a maior zona de segurança? Ou, como “cultivar e adubar” formatos de compartilhamentos, para além da ambiência digital, movendo um projeto democrático pró-presença e contra aglomeração, para aqueles que não podem fruir pela internet, porque a cesta básica é mais urgente?

Além disso, como potencializar registros e arquivamentos, segundo a lógica do múltiplo campo prático coreográfico da dança, a partir das possibilidades e dos desafios oferecidos pelas criações, disponibilizadas e compartilhadas em plataformas virtuais, durante a pandemia? Considero pertinente olhar para essas incógnitas, a partir do elemento mobilizador: a pessoa artista.

João Acaiaze (1944-2021)

Como TrajetoApreciativo, dançoobservodança “**Plano de Abandono**”, minissérie em dança, concebida e interpretada por Mainá Santana e René Loui. A obra – que foi contemplada por dois editais em 2020, um deles emergencial – assume percursos entre as reflexões apontadas até aqui e mobiliza-se entre cadências sincopadas de outras estéticas pretas possíveis.

Protagoniza-se o encontro entre artistas de diferentes cidades do país. Mainá, nascida em Santos – SP, andariilha incansável e obstinada no campo investigativo das danças que a habitam. René, mineiro de Juiz de Fora, ocupante de si no interesse por corpas, diferenças, residências artísticas e construções em tempo real. Sudestinidades em convergência, e zelo por particularidades, a partir das cidades não capitais que lhes engendraram.

Interfluxo criativo em Natal, capital do Rio Grande do Norte, atual cidade residencial dos dois, que parece provocar constantemente os eixos formativos, tanto dela, como dele, alterando verdades e perfazendo-lhes de interferências que nutrem seus deslocamentos cênicos, numa parte que compõe o Nordeste e seus infundáveis sotaques. Processo mediado pela Casa Tomada, um ambiente exclusivo para investigação artística, administrado pelo Coletivo Cida e mergulhado na ultra necessidade contra colonial.

“Plano de Abandono”, assim como em outros trabalhos artísticos, criados durante a quarentena, pode ser lido como um diário de bordo do isolamento artístico forçado pela crise sanitária. Todavia, mirando em detalhe a organização da narrativa, as escolhas e não escolhas na edição e, principalmente, as presenças de René e Mainá, veremos que há sugestões de perspectivas de uma criação audiovisual, inspirada numa estética negraorientada, escapando de qualquer vínculo formatado, que os protocolos da brancura insistem em empacotar.

A opção-não-opção, por detalhes captados pela câmera do celular, deboches insinuados e a fragmentação de imagens em articulação, caminham dentro de sentidos de continuidadedescontinuidadecontinuidade, suspensão, e imersão ancestral, de forma bem-humorada e dolorida. Tudo entremeadado a dizeres que significam fundamentos de uma diáspora que se (re)traduz ao longo das pessoas e suas imensidões. A frase, grafada no vídeo, “Em caso de pesadelos, firme os pés no chão”, aterra esse aspecto.

Na tela vários registros, lado a lado, sobrepostos e intercalados. As casas que são residências, e ao mesmo tempo cenários, e ao mesmo tempo memórias das vidas de Mainá e René, assim como de todas as pessoas de seus ciclos relacionais. Em alinhamento aos arquivos que cada *corpa*, pela própria lógica, organiza em si. A oralidade, a presença, a escrita e a virtualidade dançam uma coreografia que nos faz revisitar gavetas e motrizes sensoriais das nossas subjetividades.

Convoca-se ao manifesto de que “Quem sabe de ser prete em singularidade plural é cada pessoa de nós todes”. As intérpretes-criaturas, como Mainá e René denominam-se na ficha técnica, estimulam a burilar mais noções de tempo, registro e permanência. Cores que se coreografam e *clozes* sonoros que dialogam. O milhocura-de-pipoca no chão. O tecido que é turbante. A leitura de “*Tudo nela brilha e queima*”, de Ryane Leão. O apagamento no jornal.

Trânsito assumido e proposital entre audiovisual, criação em dança, vidas de Mainá e René, memórias residenciais de ontem e agora e *corpas*-pretas-arquivos. No seio da travessia construtiva, o desdobramento para aprender outros recursos num contexto adverso e precário, delineado inclusive pela condição histórica tumultuada imposta ao ser pessoa negra. Na contramão, aprendemos, com o legado de antes e que também nos habita, a instaurar potências em precariedades. A dupla de artistas rubrica isso de forma honesta em cada momento do trabalho.

Ismael Ivo (1955 – 2021)

Trajeto de criação que apontou outros modos de coletividade no tratamento editorial e afetivo da ideia, fortalecendo a ligação de parceria que foi mergulhada em situações caóticas e existenciais, segundo prosa com as próprias intérpretes-criaturas. Essas mobilizações ainda estimulam a pensar – de forma contínua – a partilha da obra e dos trabalhos com as múltiplas realidades cotidianas, desejando ultrapassar a lógica-necessária instaurada de campo único, direcionado às plataformas online, nesse momento. “Plano de Abandono” segue em caldeirão criativo.

Atravessada por esse trabalho, retorno ao caminho da primeira experiência compartilhada acerca das conexões com outros artistas pretes através dos acervos digitalizados. Para mim a imaginação é uma travessia com texturas reais; e, por isso, projeto o quanto significativo seria alguma outra investigadora preta, de uma época por vir, ter acesso às inquietações de Mainá e René situando esses artistas a partir das suas condições e das escolhas estéticas veiculadas no registro coreográfico audiovisual.

Desconfo o quão necessário seria este trabalho nas discussões em torno das relações entre momento pandêmico, criação e negritude, principalmente para a posteridade. Talvez seja uma tentativa tola de controlar o tempo ou a esperança de que, daqui a algumas décadas, a pessoa não estará extinta ou – apenas ansão de alguém aporaxonada pelas potências dos registros negros diaspóricos – sejam eles oralizados, escritos, sonoros, visuais ou dançados.

Assim, que tipo de estratégias podemos semear para a contribuição no fortalecimento do projeto de contra-apagamento na dança, já que arquivos e registros se tornam mais que potentes relatos para as gerações vindouras, pós-pandemia? O que as plataformas digitais podem garantir? E o que elas não podem sustentar nesse processo?

Em adição, tratando-se de condições de acesso, como podemos acolher as cheganças e cruzar as pontes?

Penha Pietras (1968 – 2021)

em completar esta trajetória, o levante sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do “progresso?”. A recusa em se incorporar à estrutura positivista do Estado moderno se delineou a partir de estratégias de guerrilha que evitariam o confronto direto e a espetacularização da violência, numa modernidade determinada pela indústria cultural e pela universalidade da mercadoria. Esse ato de resistência seria, portanto, uma espécie de contra-informação, como também apontou Gilles Deleuze ao dissociar a obra de arte do conceito de informação, em conferência⁷ de 1987. Nessa perspectiva, a experiência estética, enquanto manifestação de uma resistência simbólica temporária, teceria alguns diálogos com insurreições à hegemonia, não se instalando sobre a lógica do maniqueísmo institucional, nem resolvendo os embates sociais e o estatuto oficial da macropolítica.

^[1] Pseudônimo do historiador norte-americano Peter Lamborn Wilson, que publicou Temporary autonomous zone (1985) sob copyleft, de onde foi retirado o excerto.

^[2] Trecho disponível em conferência filmada para a FEMIS (Fondation Européenne pour les Médiars de l’Image et du Son) em março de 1987, traduzida no Brasil pela Folha de São Paulo.

Algumas dessas transgressões utópicas apresentadas por Hakim Bey recuperam os enclaves piratas da América Central, como Nassau, que durou cerca de 12 anos (1706-1718) nas Bahamas, ou do continente africano, como de Île Sainte-Marie, em Madagascar. Suas supostas interceptações de navios negreiros, repartição de saques e terras em configurações comunitárias dialogam com as experiências de festividade, nomadismo e transgressão que também caracterizariam, de maneiras distintas, a resistência de populações marginalizadas no Brasil, a exemplo do quilombo dos Palmares, no século XVII, ou do arraial de Canudos. Interessa pensar como essas insurreições estiveram relacionadas a diferenças culturais sistematicamente perseguidas ou invisibilizadas, ao instaurarem relações espaço-temporais que desestabilizavam a hegemonia logocêntrica do europeu. Não é difícil imaginar, então, como as experiências corporais que ritualizavam a vida de algumas populações racializadas foram criminalizadas pelo Estado. A Lei da vadiagem de 1941, por exemplo, foi responsável por enquadrar manifestações da cultura popular brasileira, como as batucadas, rodas de samba e capoeira, transformando festejos de origem africana e indígena em uma espécie de ameaça aos “bons costumes” das elites nacionais. Enquanto isso, no mesmo período, a bailarina Eros Volúsia ganhava reconhecimento como mentora do bailado brasileiro, que tinha nessas expressões culturais perseguidas suas referências de repertório. Eros estampou capa de revistas internacionais como a *Life*, participando inclusive de produções cinematográficas com suas alegorias de movimento, na tentativa de idealizar uma espécie de identidade nacional ao corpo dançante. A manutenção do racismo institucional que perseguiu brincantes e seus festejos, alçando

dancei de calcinha
no acampamento
instalado em Curitiba
para as vigílias do ex-
presidente Lula, em
frente ao local de sua
prisão, em 2019.

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

O que é híbrido? (Luisa David, sete anos)

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

Luisa David, sete anos, 1875

que o corpo sedentário tem o formato de uma cadeira impressa na sua musculatura.

Surge, então, a ciência da ergonomia, compromissada em estudar maneiras de diminuir o desgaste do corpo proletário para aumentar sua *vida útil*, isto é, sua produtividade. Assim, a ideia enganosa de conforto esconde e garante uma maior produtividade do corpo do trabalhador. Rapidamente, com o avanço das tecnologias comunicativas e o surgimento do trabalho remoto, a estrutura capitalista percebeu tal vantagem, estimulando, então, que o/a trabalhador/a transfira a linha de produção para dentro de sua própria casa, permitindo que os corpos trabalhem até mesmo deitados, desde suas próprias camas *queen size*. A essa altura, a internalização dos mecanismos de controle está consumada, não sendo mais necessário qualquer padrão para garantir a contínua produtividade. Basta oferecer “conforto” para que o corpo sedentário, sedado e conformado trabalhe, inclusive de madrugada, sentado no vaso sanitário ou dentro da piscina.

Calçando pantufas, crendo-se empresário de si mesmo, o trabalhador *home office* se arrasta de sua cama para a poltrona estofada, operando voluntária e compulsivamente as pequeninas e viciantes máquinas luminosas que, graças às telas onipresentes, fez desaparecer a fronteira entre trabalhar e descansar, permitindo a monetarização de momentos íntimos que, até então, escapavam à especulação financeira. Com a produção-consumo de imagens e informações alçadas à condição de mercadoria, nossos dados e interações audiovisuais são facilmente convertidos em lucro para corporações proprietárias das redes digitais. Nesse sentido, qualquer clique, não importa seu conteúdo, poderia ser considerado uma forma de trabalho não remunerado.

Enfim, o corpo sedentário está sensorialmente atrelado ao circuito fechado conforto-produtividade-consumo que é, simultaneamente, causa e efeito do corpo esgotado. Para interromper esse ciclo, precisamos reconhecer o caráter somatopolítico que a postura sentada carrega sob seu suposto conforto, denunciando o sedentarismo compulsório que perfaz os modos de viver capitalistas, a começar pelos infindáveis anos escolares sentados sobre uma cadeira.

Deste modo, para nos desviarmos, ainda que ínfima e temporariamente, dos mecanismos de produção e manutenção do corpo sedentário, precisamos de uma rotina de autocuidado que contemple:

- Criar situações artificiais de movimento para exercitar as musculaturas abandonadas pela postura sentada (caminhar, dançar, nadar etc.);

- Transferir algumas atividades cotidianas das mesas/cadeiras para serem realizadas diretamente no chão (comer, trabalhar, descansar etc.);

- Assumir para si tarefas, serviços e funções que costumamos, por comodismo, delegar a outras pessoas e máquinas.

11. BAITELLO JUNIOR, Norval. O pensamento

sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens.

São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2017.

Durante um pronunciamento do ex-governador Jaques Wagner, que retornava de uma conversa com o ex-presidente, uma desconhecida me surpreenderia logo após a performance, questionando de que se tratava aquela “macaquice”. A síntese violenta da injúria racial menosprezou não apenas o experimento, mas qualquer existência transgressora no lugar. Noutro episódio, em que minha dança de calcinha se tornou uma experiência de nudez bêbada numa festa, comentários agressivos estampariam redes sociais no dia seguinte, orientados pelo discurso de genitalização do corpo. Em ambos os casos, as agressões à estranheza se relacionam ao interdito, mas também operam numa tentativa de limitar ou inverter sentidos dissidentes, na medida em que partem de uma estratégia de nomeação cujo objetivo é rechaçar a existência daquilo que rompe as expectativas da norma, inclusive se essa estranheza as antecede.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

11 Nessa série, ainda em processo, se

incluem as videodanças Aneconomia e

Atopos.

Em conversas com artistas e amigos, penso que a prerrogativa

"Toda a vida de que necessitamos para viver - trigo e arroz, tomates, maçãs, vacas, porcos, tudo o que comemos -, foi exilada. E toda a vida que não fazia parte de nossas necessidades foi mantida ainda mais distante, em espaços chamados florestas, literalmente o extremo exterior - uma espécie de campo de refugiados para toda a vida que não nos diz respeito. É por isso, conselheiro pensar que a vida não humana vive em outra parte, fora da cidade, na floresta/campo de refugiados, permitindo-nos esquecer que o espaço que chamamos de cidade é um espaço que não nos pertence!" (Coccia, 2020, s/p)

COCCIA, Emanuele. Nenhum distanciamento social pode nos proteger. In: CAC Edições. https://www.distanciamento-social-pode-proteger-e-manuelee-coccia, 2020.

[Salvo raras exceções, há tempos aquilo a que chamamos dança parou de se misturar e contemplar a natureza: o corpo exaustivamente estudado, dissecado, controlado, passa a fazer parte da cidade. Nas cidades, passamos a dançar em palcos, salas, salões e bailes. Assim como em outras disciplinas, o que houve a partir do século XIX foi a "limpeza" dos saberes que exilou, separou e classificou a dança como algo que acontece exclusivamente com um corpo humano determinado, nunca sala determinada.]

Esse texto pretende, a partir do olhar para as plantas, pensar em coreografias possíveis e muitas vezes invisíveis em lugares impensados, como as realizadas em nossas próprias casas, durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Dançar a mistura é uma brincadeira com as palavras usadas pelo filósofo italiano Emanuele Coccia (2018), que sugere uma metafísica da mistura. Coccia, assim como outros autores da filosofia e antropologia contemporâneas (Stefano Mancuso, Tim Ingold, Anna Tsing, Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro, Juliana Fausto, entre outros), abre um diálogo entre pesquisas e campos disciplinares aparentemente diversos, propondo alternativas de mundos interessantes, feráteis, não humanos, como forma de resistência ao antropoceno/plantaceno/capitoloceno, reunindo perspectivas que apontam cosmopolíticas desde os mundos vegetais e animais.

Essas perspectivas, apesar de recentes no pensamento e filosofia ocidental, já faziam parte de uma cosmologia de povos originários, que nunca fizeram essa separação entre cultura, natureza, corpo e cuidado. Como podemos ver em inúmeros trabalhos da antropologia moderna, nas muitas falas, textos e *lives* de Ailton Krenak), e sobretudo na obra "A queda do céu" de David Kopenawa e Bruce Albert (2010), muitas das doenças (xavara) que vivem hoje, refletem essa exploração e destruição do ecossistema que nos abriga. O que antes era descrito como "selvagem", hoje aparece como saída para (re)aprendermos a misturar e com isso a "dançar" com outros viventes da biosfera, incluindo os vírus.

Uma vida pensada/dançada a partir de referências da natureza, faz dela mesma, da natureza e do cosmos que a compõem objetos privilegiados de pensamento. Afirmam-nos que só podemos pensar, existir e sentir a partir dessa relação. É, desde a natureza, que nos permitimos habitar nossa condição humana, não separados dela, mas atravessados por toda força física que a atravessa e transforma. A filosofia da mistura proposta por Emanuele Coccia parte da vida vegetal e nos apresenta uma forma de conhecer um mundo pelas plantas, com sua superfície de sensações, com as folhas produzindo a atmosfera, as raízes conhecendo a Terra e as flores como forças cósmicas.

"plantas são objetos metafísicos, pois se relacionam com a totalidade. De fato, as plantas estão na origem do mundo em dois sentidos. Elas criaram a atmosfera rica em oxigênio, que tornou possível a vida dos animais superiores. Além disso, são os seres que exploraram em larga escala a alquimia que permite transformar a luz, a fonte de energia mais importante, em mais vida. Viver nada mais é do que se misturar à vida dos outros, ser penetrado pela vida dos outros. Não pensamos nisso, mas, ao respirar, nós nos alimentamos dos restos da vida das plantas. Enfim, a respiração é o ritmo da penetração recíproca, da amalgamação recíproca dos vivos e do mundo, que não para nunca e é o que chamamos de vida." (Coccia, 2019, s/p)

As plantas coincidem com as formas de vida que inventam a própria existência, se apresentando por uma forma de corpo que se relaciona e produz no mundo à medida que ele é transformado. Possibilidade de comunicação com um mundo vivo, que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povar por forças não humanas (Dias, 2020)

Esse modo de pensar/existir desde as plantas nos convoca à reflexão sobre o que significa ser vivente e estar presente nesse mundo. As plantas que "parecem ausentes, como blindadas no seu sonho químico" (Coccia, 2013, p. 211), estão mais aderidas ao mundo que as rodeia do que qualquer outro ser vivo. Constantemente expostas e reagindo ao ambiente que as cerca, são a vida em comunhão absoluta com aquilo que as circunda. E por isso não precisam mover-se: funcionam plenamente a partir/com o ambiente e os outros seres que nele estão presentes. Uma espécie de pele que pensa e age ao mesmo tempo em tudo que toca. Algo parecido com o que Fred Moten e Stefano Harney (2013) no livro *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013.

Durante as diferentes formas de isolamento provocadas pela pandemia de COVID-19, o toque e a presença do outro têm sido nossa principal privação. Pensar junto e com o outro só é possível pelas telas. O movimento coletivo também, não podemos sair, viajar, deslocar, nem dançar juntos. Que novas coreografias podemos pensar a partir do mundo-casa em que o único toque possível é distante? Olhar para as plantas nos ajuda a intuir essa relação? E se a coreografia fosse pensada também como uma ação não-humana que outros movimentos a vida nos suscitaria? Movimentos menores podem ser pensados como grandes transformações? Pele, sentido, pausa e pertencimento. E se dançar fosse um jeito de nos aproximarmos de outros mundos possíveis? Tudo que move, dança, em algum sentido. Passaros, plantas, larvas, água, nuvens, lua, mares, peixes. A conexão de coreografias da natureza com nosso corpo que dança - mesmo confinado - pode ser um jeito de coreografar.

Coreografia é muito mais que "a arte de conceber os movimentos e passos que vêm corpor determinada dança" (como está no Dicionário Oxford), ou descrever danças no papel, como destaca o pesquisador André Lepecki (2010) ao retomar a história da palavra, com sua primeira versão, no manual de dança - *orchestographie*, em 1589 - sugerindo-a como "aparato de captura burocrático-estatal do dançar (..) Acima de tudo, cria-se um aparato que é disciplinado, disciplinante e organizador não apenas de movimentos, mas de corpos e subjetividades" (Lepecki, 2010, p. 16).

Ainda nesse exercício investigativo o autor nos indica que em 1700, a palavra coreografia - ou *choregraphie* - passa a agenciar escrita e movimento, corpo e signo, papel e chão (Lepecki, 2010). Com isso, e a partir disso, vinculou-se o termo *choregraphie* para a descrever a escrita ou notação das danças, confinando as formas de dançar já existentes em espaços públicos e profanos a uma sala específica (o teatro) a serviço da monarquia no século VI. Passamos a conceber e construir, desde então, um imaginário de que a dança, ou a coreografia, só poderia ser organizada e pensada em lugares específicos, neutros e privilegiados. E que dança, também só poderia ser feita por um corpo humano, desmandado e humano.

Durante as viradas mundanas (séc. 19 e 20), muitos movimentos artísticos explodiram essa noção, criando outros contextos para a coreografia, inventando a forma de se relacionar com os diferentes espaços e com o corpo, propondo modos de fazer dança distintos e conectados com a cidade, abandonando a ideia de *imagem e representação* para performar. Ao pensar na dança produzida na cidade, nas ruas ou em espaços não reconhecidos tradicionalmente como palcos, podemos apontar uma dança de contextos, de realidades provisórias, a ação coreográfica e a prática performativa passam a ser concebidas como construção de uma experiência de estar com pessoas e lugares, criando espaços para ação estética, ética e política.

As propostas feitas na cidade, na casa, com elas nem sempre se parecem com o formato do que tradicionalmente conhecemos como *dança*. Aspectos da performance, das artes visuais e, principalmente, da relação com o tempo e fluxo de movimentos das pessoas que dançam se colocam em jogo com o espaço onde se dança. Dançar danças invisíveis. Dançar com o cosmo, com a telepatia. Dançar uma dança de misturas invisíveis. Uma outra política. Uma política de mediação.

Pensar uma política de mediação é começar pelo meio onde as coisas ainda estão se formando e as categorias ainda não estão dadas. "Cortando pelo meio, movidos pela força de futuro da presentificação de passados, de presente e passados, a imitação cria as condições, a ética e política, composições" (Manning, 2019, p.14). Procurar fazer e constituir as práticas e saberes a partir dos encontros e de como eles são constituídos - entendendo que também fazem parte dessa construção presenças visíveis e invisíveis. Uma partilha entre o invisível, o intangível-sensível, é o que Manning (2019) e Massumi (2002) chamam de mediação. Mediações também podem ser pensadas como vizinhanças, redondezas, proximidades: MISTURA.

Essa mistura, vizinhança ou companheirismo, também pode ser pensada como coreografia que muda os corpos no tempo e no espaço. São ontologias. Donna Haraway (2003) usa o termo "Coreografias ontológicas" (2003, p.11 e 51) ao falar de seu Manifesto Cyborgue e de sua relação com outras entidades, companheiras. E como se formassemos a todo o tempo, novas formas de ser e de nos movimentar - não só no espaço da cidade, mas nos espaços técnicos e políticos que o processo de urbanização organiza. Misturas como práticas mundanas. Práticas comprometidas com a finitude, com a mortalidade e com a carnalidade. Práticas que assumem a realidade como algo que inclui todos os seres vivos. Uma prática e conhecimento situados (Haraway, Goodeve, 2015).

Como situar conhecimentos e práticas mundanas no Zoom ou no Google Meet? Existe exercício de mistura e sensibilidade possível em meio à maior crise sanitária do Brasil (e do mundo)? O que as plantas têm a ver com isso? Como inventar, misturar, dançar, no meio de tanta dor? Soprar com sopros diferentes como nos lembra Edward Glissant (2014), ou pompor paisagens, reunir diferenças. E também, talvez, e sobretudo: fugir. Fugir para se misturar a outra coisa, fugir para se misturar às plantas. Como nos ensina pensadores como Achille Mbembe (2018a, 2018b) e Grada Kilomba (2019), ao tensionarem a lógica da exploração que continua sendo imposta aos corpos, principalmente aqueles que carregam na existência as marcas do racial/regional/gênero. E é com eles que aprendemos que uma das formas mais importantes de resistência à *plantation* consiste em fugir e se misturar à floresta. Essa prática, conhecida como *marronage*², é uma oposição social, política e cultural, que esteve frequentemente na origem de formação de sociedades organizadas que compartilhavam a preparação para guerra, para festa e para uma vida comum (Glissant, 2014; Bona, 2020).

Essa forma de organização coreográfica, também nos ensina que para fazer uma floresta, em tempos de monocultura, talvez seja preciso fugir de alguns protocolos já existentes, de movimentos já conhecidos, de gestos já inúteis frente às formas de opressão. Fugir do que empobrece a vida e o imaginário, não se trata de salvação, mas de um longo trabalho de ativação de outros modos de existir e fazer nas ações/criações, incluindo agentes humanos e não humanos, numa rede de materialidades e sensibilidades que promovem coreografias plurais inter-espécies - nem sempre consensuais. É a produção de paisagens, que não apenas catalogam a diversidade, mas conseguem narrar as histórias em que as diversidades emergem, entendendo que a diversidade é sempre criada com sinérgicos colaborativas, sempre em dev (Tsing, 2019).

Criar pequenos refúgios no que nos é exigido, e nesse espaço de refúgio, proteção e cuidado, mas, sobretudo, cultivo da multiplicidade, da mistura e de que a vida vai vingar - como vinga uma muda na terra, uma planta no concreto. Um abraço imaginário com terra, cheio de chuva e um pouco de sonho.

A abertura ao abraço se move contra o pano de fundo da exclusão, e a história da exclusão é uma série de operações incorporativas. É assim que a abertura a ser afetado é inseparável da resistência a ser afetado. A dança escreve eixar e empurrar para o ar e para o chão e sobre toda a pele da terra e da carne que formam a cidade (Moten, 2020, p.189).

O abraço que reativa aquilo de que fomos separados, como bem apresenta Isabelle Stengers, "recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelheamos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas" (Stengers, 2017, p.8).

Termino esse texto com experiências pessoais, realizadas durante os diferentes períodos de quarentena (2020 -2021) em que pude exercer meu papel de professora artista a partir de reativação de misturas e de uma metamorfose de práticas, que envolveram as plantas, as pessoas e as tecnologias que nos atravessam. Essa metamorfose, pessoal e coletiva, de transformar o *étiós* (que é o nosso conjunto de costumes e hábitos fundamentais, onde se inclui também a dança e suas multiplicidades de manifestações culturais), em entrelaçamentos de vários mundos, corpos e formas de vida (Coccia, 2020). E também funcionar, para mim, como uma tentativa de inventar e imaginar nova política de toque, de pensar junto com a pele, mesmo que distante. De forjar uma presença comum, mesmo que ficcional, nas muito preciosa, em tempos tão difíceis, diante de um sistema de exploração de corpos, da natureza e do imaginário.

MISTURA 1

42 alunos na tela, quase todos de câmeras fechadas para a aula de dança. Uma outra presença. Estudantes de Educação Física de uma universidade pública e periférica, em cidades também periféricas situadas em um dos estados mais ricos do Brasil. Fecham as câmeras por falta de dados de internet. Fecham as câmeras porque estão ausentes em outras tarefas, ou em nenhuma tarefa, já que a aula e o desânimo também é um projeto político para uma juventude sem futuro. Insisto no exercício de respiração. Sozinha de câmera aberta: fecho os olhos e peço para que eles abram os microfones. Um banho intenso toma conta e preencho o vazio do espaço-tempo. De presença a exercício de escuta e de presença a partir dos sons ao redor. "Feche os olhos e abra seus sentidos. Perceba sua respiração e tudo ao que se mistura no seu corpo e à todos os outros ares que entram e saem caos".

O corpo distraído: extroverção e heteronomia dos sentidos

O corpo distraído está se tornando cada vez mais comum na nossa época porque a atrofia muscular decorrente da postura sentada, quando associada às telas, implica uma hipotrofia mental. Ao limitar o movimento físico, especialmente no caso de crianças e adolescentes que ainda não tiveram sua espontaneidade soterada pelos mecanismos de controle somatopolíticos aqui apresentados, resta à mente fruir sua potência de maneira inerte. Contudo, a extroverção continua dos sentidos, se não forem contrabalancadas com momentos de introversão, acessam um estado de saturação que exigirá estímulos cada vez mais intensos para que possam, de fato, serem sentidos.

Certamente, a distração faz parte das tecnologias de descanso do corpo. Após longos períodos de concentração, trabalhando ou estudando, diverti-se é a melhor maneira de descansar a mente. Inclusive, a própria distração pode servir para trabalhar e lutar com para uma ideia de desviar, dividir, desconcentrar, mudar o foco de atenção. Entretanto, quando a distração se torna a regra ao invés da exceção, além de perdemos a capacidade de concentração, não saberemos mais como descansar de tanta "distração concentrada".

Geralmente, após as enfadonhas horas de trabalho em frente à tela do computador, o corpo é obrigado a voltar para a atenção já estafada. Após alguns horas *scrolling* no feed das redes sociais, enjoados de *di-gerir* tantas imagens, então saltamos para a tela da televisão para tentar desconcentrar a concentração requerida na própria atenção. O vício em telas, isto é, a capacidade de se concentrar tão somente no principal dispositivo do capitalismo digital, revela que a dinâmica extrovertida das mídias esconde uma estratégia sutil de controle por meio da heteronomia dos sentidos. Ou seja, em troca de algumas recompensas econômicas e hedonistas, consentimos sensorialmente com um dos ditames do neoliberalismo: divertir-se para melhor obedecer/consumir.

Por isso, sendo a atenção um recurso finito e facilmente capturável por qualquer estímulo externo, o chamado "capitalismo cognitivo" está plenamente aparelhado para seduzir, manipular e lutar com nossa distração. Ao nos entregarmos irresistivelmente aos múltiplos recursos coloridos, barulhentos, engraçados e excitantes que chegam a todo momento em nossas telas, perdemos a autonomia sobre a própria atenção. Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos precarizados e até em condições semelhantes à escravidão, decorrentes da instauração do neoliberalismo nos países do Hemisfério Norte se mantém ainda por meio do trabalho digital realizado pelas populações do sul global.¹³ Além de todos os trabalhos prec

Tempo de possibilidades, e não de determinismo”. É compreensível Paulo Freire ter se tornado tão mal falado em uma época em que dados são vendidos para definir eleições. Homem que amava ser gente, **ele não** enxergava as pessoas como predeterminadas, passíveis de serem prefixadas e assim manipuladas. Assumia a inconclusão como qualidade inerente aos seres humanos, e defendia conceitos radicais como autonomia, diálogo e esperança. Falava sobre a “natureza eminentemente ética” da prática formadora, trazia para frente do debate a importância de problematizarmos o futuro como resposta ativa aos fatalismos do neoliberalismo.

Durante o seminário de abertura da 3ª Escola de Primavera, esse ano *online* e em homenagem à educadora Guaracira Gouvêa, a doutoranda Joana Milliet, da PUC-Rio, trouxe dados frescos sobre os impactos da pandemia na educação básica do país. Segundo pesquisa da Undime, temos 81% dos estudantes brasileiros matriculados em escolas públicas, majoritariamente dependentes do celular e usando material impresso (95,5%) para ter acesso aos conteúdos pedagógicos. Enquanto países progressistas praticam diplomacia e enfrentam o aquecimento global, nós deixamos de garantir acesso à internet e imprimimos papel para educar. Além de todas as já conhecidas desigualdades, agora produzimos uma nova: a desigualdade tecnológica.

Costumo dizer que o lado bom de uma tragédia é que ela deixa muito trabalho a ser feito. Me inspiro em Paulo Freire: “sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (2020).

[Que nossa dor seja uma escola e não uma prisão](#)

Haveria ainda muitos outros mecanismos somatopolíticos de produção e manutenção do corpo esgotado para serem descritos. No entanto, se este texto é uma tentativa de insurgir intimamente contra a lógica do esgotamento, seria prudente pararmos nossas reflexões por aqui para evitar esgotar o tema, bem como para não esgotar a energia de quem está lendo ou de quem escreveu este texto. Mais vale, a partir de agora, colocarmos em prática outros modos de perceber e lidar com o próprio corpo, desobedecendo às armadilhas psicossômáticas neoliberais que capturam diariamente nossa vitalidade, a fim de transmutar nosso sofrimento em sabedoria para que prossigamos com disposição e sagacidade na luta anticapitalista.

Utopia é idealismo ou planejamento?

título é este texto inteiro aglomerado com bem pouco espaço entre as linhas sem pontuação sem letras maiúsculas que dá forma a como este texto deveria estar sem fôlego com medo de ar pela boca pelo nariz pela pele que para ser vida aposta involuntariamente em cada troca gasosa com o seu meio em um fluxo incessante que esse texto ensaia como uma única inspiração totalmente poluída pelo ,engasg,o do artista fabio morais emprestando a sua forma d\g/ramática por uma vontade de não dar espaço para duvidar do sentimento de raiva sobre tudo que gira em torno de um vírus que os abutres boçais no controle de terras tropicais trataram como inha através de suas canalhices mais explícitas que o explícito e assim parece que se acrescenta uma outra dimensão ao espaço da canalhice representada por um bando de canalhas canalhas canalhas neoliberais tiranossauros guedes e salles entre tantos que passam boiadas sentados em mesas de bancos de empresas de emissoras de tv e de gabinetes que em nome de suas tristes famílias e de um deus acima de todos lucram com os desvios não apenas materiais mas éticos que desde sempre têm praticado sem mais espanto causam nos corpos cansados de tanto esculacho na dignidade humana humilhada todos os dias em suas homeostacias de fome que sustentam um equilíbrio mínimo para a manutenção de uma sobrevida que poderia ser vida esta que só deseja o bem-estar para desfrutar de sonhos de prazeres de cheiros e sabores que não se deveria comprar mas por direito se ter como olhar o mar em estado de graça livre de chaves e chips e selfies que banalizam a carne e a presença que encontram-se restritas para alguns pois há os obedientes de um mito seguidores egocentros desiluminados de compaixão de empatia de espírito coletivo de inteligência social porque se fosse diferente no lugar de festas haveria uma desobediência civil de norte a sul de leste a oeste em um grande movimento de pausa no pagamento dos impostos como uma manifestação de tamanho sem precedente aglomerada nas ruas e praças virtuais devolvendo em uníssono um apagão com força para sinalizar alguma mudança radical nos sentidos de forma irreversível como a morte que quando passa no seu lado vira seu mundo de ponta cabeça na experiência que especializa o seu corpo eletroquímico bebe sim tenha medo nós somos eletroquímicos e a nossa cultura é na verdade construída por causa dos sentimentos sobre o medo da mortalidade é o sentimento de medo da sua própria morte da sua própria mortalidade e da mortalidade daqueles que você ama e que amam você isto é um dos controles da nossa cultura nas palavras do neurocientista português antónio damásio sobre a sua estranha ordem das coisas e se olharmos através de uma lente filosófica o que temos aqui o que fazemos aqui quem somos e eu e eu e eu posso com minhas ações co/mover o pensamento excitar a percepção que não cai do céu na cabeça e nem nas coxas mas precisa ser praticada considerando que muito das inúmeras trocas que ocorrem simultaneamente entre corpo e ambiente passam batido assim como um todo é todo para alguém que é sempre mais um que para lembrar do outro precisa pensar também sobre o lugar de escuta e não apenas o de fala disse o psicanalista christian dunker então passando essa linha e a próxima e a próxima eu vou desaparecer em um pedaço cheio de vazio para você ter tempo que não se pode dar para escutar a sua expiração e se você pular esse pedaço sem ouvi-la não se esqueça que será uma decisão sua assim como tantas outras que você naturalmente faz durante o seu dia a dia a dia a dia a dia a dia a dia a dia

Vinte quatro do três de dois mil e vinte. Aula-home-nagem ao Michael Jackson. Pré-mirim e mirim misturados (8-12 anos). Coreografia "Thriller" (timecode 08:28). Focar na qualidade rápida e ritmada. Chicotear, torcer, socar. Detalhe do quadril, detalhe dos braços de zumbi. Pode ser legal pedir para que montem o seu próprio look morto-vivo.

cheio de medo de perigo e de alívio por estar de máscara com ação de ions de prata presentes na fibra do tecido com nanotecnologia que te promete bloqueio total antiviral anti odor e bactericida de efeito permanente vendida por uma marca brasileira engajada na sustentabilidade mas que precisa ter nome em inglês afinal quem compraria algo de uma pessoa que tem informações de dentro de uma marca chamada informante em um país marcado por um histórico recente de delações premiadas e vazamentos que evaporam-se tão rápido como água no sol que continua a girar em volta de uma terra redonda que vista de fora é mais um planeta e não o único e que por mais sofisticado que sejam as sondas espaciais o universo ainda é um mistério assim como a consciência que apesar da ciência ser capaz de elaborar teorias sobre esse fenômeno ainda é um enigma que nos torna humanos e nos permite lembrar do passado e planejar o futuro com tristeza ou com alegria que é diferente de felicidade que é mais constante e portanto dá mais trabalho e quem é que gosta de trabalhar em um sistema capitalista que só alimenta a desigualdade social que a música do tantão e os fita alerta que vai piorar a qualquer hora que hora que hora qualquer hora piora e o que pode ser pior do que esse agora que permite que quem mandou matar marielle franco permaneça impune e a sociedade por trinta e seis meses e vinte e seis dias completados hoje dia doze de abril de dois mil e vinte e um dois três quatro cinco continue sem respostas que certamente revelariam uma alvorada de canalhas canalhas canalhas como aqueles que usam cuecas para transportar o diminutivo de rachada que é a vontade que se tem de fazer com a cara do dono da cueca cansada de ser absurda porque não é mala nem maleta nem saco e nem tetas também cansadas de serem metáforas de substantivo masculino o mau-caratismo que impera na política de um governo com slogan de pátria amada que na verdade é uma pátria queimada que faz a pergunta como você se atreve da sueca greta inflamar para além da floresta o sentimento de uma vergonha intercontinental que deveria ser tratada com um boicote também intercontinental a todas as empresas e iniciativas que estimulam a exportação da cara-de-pau-brasil para suprir as prateleiras dos distribuidores de mogno jacarandá e ipê as madeiras de lei que dentro ou fora garantem resistência para o deck e as mobílias das piscinas das mansões dos hotéis dos clubes das saunas dos iates que brindam o dólar apontado para o seis com uma perrier-jouët em taças lavadas você sabe bem por quem não pode escolher ficar em casa ou ir de uber para o caixa do supermercado registrar o alimento essencial que não pode faltar para a carne ter energia vital e seguir tendo a coragem do krenak para dançar não uma coreografia mas a vida que é um soco da ilessi no estômago da macabéa de clarice que no engana-fome mastigava um pedaço qualquer de folha para adiar a morte que é um instante então que se dance tudo disse o amigo artista bruno freire em uma conversa de aplicativo criptografado que te conecta em outro instante com quem vive confinado na europa que continua a produzir coreografias para quando os teatros abrirem e todos os corpos virtualizados puderem voltar a transpirar juntos para assistir uma dança feita em estúdios e teatros que não pararam de acolher os corpos contratados e assegurados na confiança de suas bolhas afinal é mesmo horrível viver há mais de um ano sem um abraço ou um beijo ou um aperto de mãos que se tocavam depois de fungar o nariz ou coçar os olhos ou aparar o espirro do pó do linóleo encardido de suor de muitos ensaios de dança vhs que outra amiga sheila ribeiro confinada entre brasil e europa disse também por app que essa dança que a gente fazia é tipo um vhs agora e eu quebro o sigilo dessas trocas privadas e criptografadas nesse texto mas não sem antes perguntar para ela e para ele se tudo bem deus me livre chatear as amigas com a minha química confinada sem abraço e a gente sabe que artista vira advogado quando se trata de crédito e direitos autorais que o youtube derruba a live que outra amiga júlia rocha confinada no brasil me fez ler mau em inglês de trás para frente evil e por falar em direções sempre houve pontes inventadas entre artistas sobre o atlântico para não perder contato com aqueles que estão pra lá e pra cá e de lá pra cá olhando aqui e sentindo lá o sentido daqui de cá pra lá só que agora ponte virou abismo quando se sente que o aqui e lá sei lá nem se pode mais viajar daqui pra lá porque lá já pode ir pra qualquer lugar não é como aqui que uma frança a do coreógrafo jerôme bel que já podia antes da pandemia reduzir seus passos de carbono no planeta e trabalhar em sete lugares do mundo ao mesmo tempo por skype da sua cozinha moderna na frança que saiu no the new york times a mesma frança que suspendeu todos os voos do brasil pra lá numa sessão parlamentar em meio a risadas de chacota cínica mas merecida sobre a hidroxycloquina para o tratamento da covid defendida por um médico francês e vulgarizada no brasil pelo presidente chinfrim que até a ema fugia da sua presença desgraçada e vai rir agora dia treze de abril de dois mil e vinte e um com três mil oitocentos e oito mortes em vinte e quatro horas menos que o dia oito de abril com quatro mil duzentos e quarenta e nove mortes mais que dia nove de abril com três mil seiscentos e noventa e três mortes e estes são os números confirmados que não incluem as mortes colaterais daqueles que não puderam receber um atendimento decente em um hospital esgotado e desnutrido de insumos de médicos de enfermeiros de ministro de ministério e de planejamento para conter os efeitos de uma pandemia já com vacina pronta que não foi comprada pelo negacionismo das aberrações irresponsáveis e maldosas que ainda se encontram com poder e foi nesse cenário precário que eu perdi meu pai que saiu de um hospital público com um xarope prescrito para morrer em casa e a politicagem segue seu baile infame com os olhos voltados para as eleições diante do caos em que se encontra a saúde pública e desamparada de qualquer respeito que esse texto não mede esforços para encontrar adjetivos superlativos angustiados pela indignação de quem sabe que o que vai acontecer já está acontecendo mas pergunta sobre o que realmente está acontecendo quando algo acontece para não esquecer de te lembrar das canetadas que são as que mais matam desmatam destroem desviam como uma sangria não estancada que continua a jorrar sem parar como um grande pacto nacional cor de laranja supremo com tudo até chocolate kopenhagen do filho da milícia de machos que explodem balão com arma de fogo em chás de bebês que nascem no trauma de não poderem escolher com quem estar até que cresçam e por algum milagre percebam na aula de história da escola paga com dinheiro da loja de chocolate a catástrofe que são seus pais e seus avós e olha o nível desse desabafo eu também acho que não adianta nada e o que adianta conter tudo isso também ao menos puxa e empurra uma palavra na outra como uma surra de linguagem sem direção apesar de estar assim uma palavra após a outra sempre indo para a direita na convenção ocidental que pressiona até a ásia nessa direção que é a mesma do partido político que impera no estado de são paulo há mais de um quarto de século assim como seus consultores que são terceirizados para que todos possam lavar as mãos depois que se decide a est/ética que prevalece no estado há mais de um quarto de século como herança das famílias dos barões do café made in brazil que até hoje é um tesouro para exportação mas a gente toma um pilão um pelé ou um caboclo que empurra a bolacha água e sal pela goela e bola pra frente que a dieta orgânica não pode faltar na mesa fitness que não é a smart fit nem crossfit porque para ser fit tem de fazer ioga e pilates para você não ficar out vai que o conceito a mente é um músculo da coreógrafa pós-moderna americana yvonne rainer viraliza e vira slogan de academia com séries para trabalhar a língua que também é um músculo imagina a cont'f/usão se você ficar impedido de falar de comer de beijar passando uns dias só ouvindo se puder ouvir ou vendo se puder ver seja como for ou puder sentir uma reorganização do corpo que quando dói ou sente prazer está te contando alguma coisa sobre você sem filtro do instagram que pode ser algo recente ou somatizado por algum trauma que você não percebeu ou não teve tempo para lidar com este sentimento porque é folga ter tempo que mais profundamente em nós é emoção que nos torna durações assim como um som existe ou dura pela sua vibração e nada mais disse o david lapoujade sobre as potências do tempo que não para não parava para o cazuzo e não vai parar para você e não vai parar para mim também mesmo que o futuro repita o passado com a tua piscina cheia de ratos ainda estão rolando os dados e é nesse movimento que se pode ter fé a do gil que não costuma faiá como um sentimento de esperança de quem confia em coisa boa coisa que se esforça para perseverar em seu ser que nada mais é que a essência real da coisa com ética espinh'hoza difícil de entender mais fácil é um conatus tentativa de crime em termo jurídico assim como foro especial por prerrogativa de função o foro privilegiado na boca do povo que também acha difícil de entender tanto privilégio para aqueles com as mãos na coisa pública tratada como privada que não é aquela que você senta mas serve como metáfora para aquilo que a gente rejeita com a força de um levante contra crimes consumados pelo racismo estrutural como o de george floyd e de joão alberto silveira freitas um do norte e outro do sul das américas lascadas por muitas décadas de dominação branca normalizada pelo estado com e maiúsculo responsável por esta neurose como definiu lélia gonzalez o racismo que não existiria se não houvesse o estado afirma silvio luiz de almeida e nessa distopia em que estamos metides só agora trago o pronome neutro nesta dança com o esforço e a afeição por palavras que a professora helena katz fez latejar da palavra pandemia sobre como elas podem às vezes abrir espaços nelas e no mundo então sem medo de perder ponto no enem esse pronome vem agora abrir espaço com sua força duplamente magnética porque aproxima outres ao mesmo tempo que expande a língua viciada em homem além de iluminar que tudo que esteve masculino até aqui poderia não estar e porque esteve é uma boa pergunta porque poderia ser diferente poder ria do poder ria poderia morrer de rir do poder ria da corja legal no poder ria ria ria com coragem e impiedosamente

Wellington,
“podemos tirar
alguma boa lição
deste período?”

(X) “... as crianças estão crescendo muito, dentro das famílias em que é possível aprender de um jeito diferente, mais autônomo. **Elas** estão aprendendo a **não** depender só do professor passando conteúdo, e os professores também têm que reinventar as estratégias para colocar as crianças no centro da aprendizagem. Esse jeito novo de ensinar e de aprender é algo que pode ser muito positivo se a gente conseguir manter na retomada para as aulas presenciais. Mas por mais que haja legados interessantes, é uma situação que tem sido muito difícil para todo mundo. O saldo negativo para a sociedade é muito maior” (KATZ, 2020). Wellington Soares é coordenador pedagógico e de projetos da Nova Escola.

e no céu) **mergulhar** **mixar** **percorrer**
 PERGUNTAR **plantar** **(re)colher** **renunciar**
 SENTIR **sentir** **sonhar** **tonalizar**
tramar **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR**
descontrair **discrepar** **dramatizar**
 ESCREVER **excitar** **florescer**
fugir **gargalhar** **ler** **materializar**
mergulhar (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR**
plantar **(re)colher** **renunciar** **SENTIR**
sentir **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir**
contrair **CONVERSAR** **cultivar** **DESCOBRIR**
descontrair **discrepar** **dramatizar** **ESCREVER**
excitar **florescer** **fugir** **gargalhar**
ler **materializar** **mergulhar** (na água e no céu) **mergulhar**
PERGUNTAR **plantar** **(re)colher** **renunciar**
SENTIR **sentir** **sonhar** **tonalizar** **tramar**
viajar **assumir** **contrair** **CONVERSAR**
cultivar **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar**
ESCREVER **excitar** **florescer** **fugir**
gargalhar **ler** **materializar**
mergulhar (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR**
plantar **(re)colher** **renunciar**

SENTIR **sentir** **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair** **discrepar**
dramatizar **ESCREVER** **excitar** **florescer** **fugir**
gargalhar **ler** **materializar** **mergulhar** (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR**
plantar **(re)colher** **renunciar** **SENTIR**
sentir **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir**
contrair **CONVERSAR** **cultivar** **DESCOBRIR**
descontrair **discrepar** **dramatizar** **ESCREVER**
excitar **florescer** **fugir** **gargalhar**
ler **materializar** **mergulhar** (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR**
plantar **(re)colher** **renunciar** **SENTIR**
sentir **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar**
ESCREVER **excitar** **florescer** **fugir** **gargalhar**

renunciar **SENTIR** **sentir** **sonhar**
tonalizar **tramar** **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar** **ESCREVER** **excitar** **florescer**
fugir **gargalhar** **ler** **materializar**
mergulhar (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR** **plantar**
(re)colher **renunciar** **SENTIR** **sentir** **sonhar**
tonalizar **tramar** **viajar** **assumir**
contrair **CONVERSAR** **cultivar** **DESCOBRIR**
descontrair **discrepar** **dramatizar** **ESCREVER** **excitar** **florescer** **fugir**
gargalhar **ler** **materializar** **mergulhar** (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR** **plantar**
(re)colher **renunciar** **SENTIR** **sentir** **sonhar**
tonalizar **tramar** **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar** **ESCREVER** **excitar** **florescer** **fugir** **gargalhar** **ler** **materializar**
mergulhar (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR** **plantar**

(re)colher **renunciar** **SENTIR**
sentir **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir**
contrair **CONVERSAR** **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar** **ESCREVER** **excitar** **florescer** **fugir** **gargalhar**
ler **materializar** **mergulhar** (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR** **plantar**
(re)colher **renunciar** **SENTIR** **sentir** **sonhar**
tonalizar **tramar** **viajar** **assumir** **contrair**
 CONVERSAR **cultivar** **DESCOBRIR** **descontrair**
discrepar **dramatizar** **ESCREVER** **excitar** **florescer**
fugir **gargalhar** **ler** **materializar**
mergulhar (na água e no céu) **mergulhar**
mixar **percorrer** **PERGUNTAR** **plantar**
(re)colher **renunciar** **SENTIR** **sentir** **sonhar** **tonalizar** **tramar** **viajar** **assumir**

ficha técnica

presidente do conselho regional
Abram Szajman
 diretor do departamento regional
Daniilo Santos de Miranda

superintendentes

técnico-social
Joel Naymayer Padula
 comunicação social
Ivan Giannini
 administração
Luiz Deoclécio M Galina

gerentes

ação cultural
Rosana Paulo da Cunha
 sesc pinheiros
Flávia Andrea Carvalho

equipe

Claudia Garcia
Fabício Floro e Silva
Felipe Torres
Kelly Adriano
Ligia Moreli
Maitê Lacerda
Talita Rebizzi

MOVER – PRÁTICAS COREOGRÁFICAS DE ESCRITA

proposto por
Maitê Lacerda

textos de
Cristian Duarte
Daniilo Patzdorf
Deise de Brito
Marina Guzzo
Priscila Maia
Tiago Amate

criação dramatúrgica de projeto gráfico
Fabio Moraes
Júlia Rocha
Tina Merz

leitura crítica
Isabel Ramos Monteiro
Joana Ferraz
Regina Melim

Sesc Pinheiros, São Paulo, agosto de 2021.

Sesc Pinheiros
 Rua Paes Leme, 195
 CEP 05424-150
 Tel: (11) 3095.9400
 Estação Faria Lima
 /sescpinheiros
 sescsp.org.br/pinheiros

